

LITERATURA CONTEMPORÂNEA: *PLANTAR ROSAS NA BARBÁRIE*

CONTEMPORARY LITERATURE: *PLANTAR ROSAS NA BARBÁRIE*

Ana Maria Haddad BAPTISTA*

Uninove

Resumo: A contemporaneidade é caracterizada e conjugada por processos, em todos os graus e sentidos, que envolvem a efemeridade, valores questionáveis e uma aceleração sem precedentes. Nessa medida, a palavra poética expressa, em especial, na obra *plantar rosas na barbárie*, do poeta Luís Serguilha, pode ser considerada uma obra que mostra espaços possíveis de se repensar, não somente, a poética, mas, sobretudo, novos valores e novos modelos de subjetividade. Espaços efetivos que devem traçar novas formas do existencial.

Palavras-chave: Poética. Devir. Luís Serguilha.

Abstract: Contemporaneity is characterized and conjugated by processes, in all degrees and senses, that involve ephemerality, questionable values and an unprecedented acceleration. To this extent, the poetic word expressed, in particular, in the work *plantar rosas na barbárie*, of Luís Serguilha, can be considered a work that shows possible spaces of rethinking not only poetics, but, above all, new values and new models of subjectivity. Effective spaces that must trace new forms of the existential.

Key-words: Poetic. Devir; Luís Serguilha.

Introdução

O tempo e a memória foram, sabe-se, percebidos de formas distintas em cada etapa histórica da humanidade. Nessa medida, vale lembrar que o tempo na Antiguidade grega era percebido, (de forma predominante), enquanto circular ou cíclico. Há toda uma literatura em filosofia, em especial na de Platão, que indicam o caráter cíclico do tempo. Nessa medida, as coisas e acontecimentos, segundo tal perspectiva, iam e vinham. Retornavam. Não havia espaço para a novidade. As coisas eram previsíveis e a subjetividade era percebida como uma dimensão exterior ao homem.

Lembremos com Paz (2015) que o movimento cíclico perdurou durante séculos e foi, nessa medida, um verdadeiro arquétipo da cidade, assim como das leis e das obras. Posteriormente, a imagem do mundo muda. Amplia-se. O espaço que era concebido como finito, desdobra-se para o infinito. “O ano platônico converteu-se em sucessão linear, interminável; e os astros deixaram

* Doutora em Comunicação e Semiótica pela PUC/SP, realizou estágio de Pós doutoramento em História da Ciência pela Universidade de Lisboa e pela PUC/SP. Atualmente é Professora da Universidade Nove de Julho de São Paulo, onde atua nos programas de pós-graduação (mestrado e doutorado) em Educação. E-mail: professoraanahb@gmail.com

de ser a imagem da harmonia cósmica. Deslocou-se o centro do mundo e Deus, as ideias e as essências desvaneceram” (PAZ, 2015, p. 101). A ideia que a humanidade fazia de si mesma mudou completamente. Entretanto, e isso é muito importante: o mundo continua, assim como o homem. Existem. Tudo se fragmenta e se dispersa. O todo é completamente abalado. A subjetividade passa a ser percebida de uma outra maneira.

O homem, acima de tudo, temporaliza-se, porque, mais do que nunca, é consciente de sua existência no tempo. Um ser intratemporal. Se os animais vivem um presente absoluto, em verdadeiras cápsulas de tempo, o homem é um ser consciente de sua temporalidade nas mais diversas direções. Deleuze (1997) nos é particularmente importante ao afirmar que Kant, de certa forma, traçou as principais bases da subjetividade do homem moderno. Ou seja, a partir do momento que tempo e espaço são categorias consideradas *a priori*, a interioridade, (subjetividade), em seu sentido mais profundo, será percebida de maneira diferente. Ouçamos Deleuze:

Não é o tempo que nos é interior, ou ao menos ele não nos é especialmente interior, nós é que somos interiores ao tempo e, a esse título, sempre separados por ele daquilo que nos determina afetá-lo. A interioridade não para de nos escavar a nós mesmos, de nos cindir a nós mesmos, de nos duplicar, ainda que nossa unidade permaneça. Uma duplicação que não vai até o fim, pois o tempo não tem fim, mas uma vertigem, uma oscilação que constitui o tempo, assim como um deslizamento, uma flutuação constitui o espaço ilimitado (DELEUZE, 1997, p. 40).

Diante do exposto, depreende-se que a subjetividade-temporalidade que se esboça na contemporaneidade é bastante distinta de outros modelos de etapas anteriores a ela. Kant, ainda na esteira de Deleuze, fornece algumas chaves para que se tenha uma compreensão mais abrangente do processo. O tempo deixa de ser uma categoria exterior ao homem. Somos seres que temos uma consciência temporal. Por um outro lado, somos separados de nós mesmos. Em outras palavras:

Excriptar sobrevém ao colocar as lavras turbulentas do corpo na ludicidade do deserto multissígnico que desencarna, estranha, problematiza, desmaterializa, gera o tempo transbordante na improvisação, busca o acaso do tempo nas relações do intensivo do alto mar em conexão intensa com os planos fragmentários tangenciados pela extrema lucidez da superfície metamórfica: não há rumos, nem agrupamentos, nem compensações mas ritmos incontroláveis, entre-tempos-desviantes (SERGUILHA, 2017, p. 26).

Aquilo que nos separa de nós mesmos, que é o tempo, nos faz ir em busca de nossa unidade. A unidade que se perde. No entanto, a palavra poética, entre tantas outras coisas que poderiam ser mencionadas, possui, intrinsecamente, um verdadeiro eixo que nos leva, (não sem dores), ao encontro crucial de nosso subterrâneo.

Porque a poesia trabalha com signos imateriais. E somente os signos imateriais nos levam realmente ao pensamento puro. Mas pensar é um ato de dor. Um exercício que nos conduz aos maiores desafios que poderíamos enfrentar. Mais uma vez Deleuze (1992) se faz presente, ou seja, a filosofia, as ciências e as artes (incluindo a literatura) são, acima de qualquer coisa, produtoras de conceitos. A literatura, como todas artes, possui uma dimensão conceitual que não fica em débito nem com a filosofia e muito menos com as ciências. Literatura, de verdade, é fabricante de conceitos, como expressa o seguinte fragmento de Serguilha:

EXCRIPTAR: uma correnteza de expressões tensionadas que se desvanecem entre-instantes porque estão impregnadas nas suas conflagrações furtivas, e quando os desvendamentos sem historicidade atingem a fulguração fora das origens, dos roubos inconfessados, o corpo-poema se nutre do inalcançável (rasgar a carnadura em todas as direcções): sim, o texto transmuta-se por meio de contorções sanguíneas, convulsiona-se, esparrama-se, vasculhando arquiteturas impessoais, esquecimentos dinâmicos que activam transduções escutadoras dos reservatórios anorgânicos (SERGUILHA, 2017, p. 76).¹

¹ Grifos do poeta.

Depreende-se do fragmento poético um novo conceito para fúria. Na bela terminologia de Deleuze: devir-fúria. Em outras palavras: a poesia não atravessa a história. A poesia não está a serviço da história. A verdadeira poesia não se submete a seu tempo. Na verdade a palavra poética é o inanalísável. Cada palavra é não relacional. Não há passado. Nem futuro. Ela se localiza entre-instantes como declara Serguilha. Jorra. Furiosamente porque irrompe em sentidos diversos.

Serguilha e a contemporaneidade

Os tempos (assim nos parecem) jamais foram tão vorazes. Ferozes. Na feliz expressão de Bauman: tempos líquidos. Eis uma das principais características da contemporaneidade. Tem-se a impressão de que os relógios giram mais rápidos. Ou que os eixos universais nunca estiveram tão fora dos gonzos. Espirais, em movimentos sem freio, pululam. Memórias literalmente arrastadas. Arrasadas com um simples toque de botão. Nas palavras de Octavio Paz:

A aceleração do tempo não apenas torna inúteis as distinções entre o que já aconteceu e o que está acontecendo, mas anula as diferenças entre a velhice e juventude. Nossa época exaltou a juventude e seus valores com tal frenesi que fez desse culto, se não uma religião, uma superstição; no entanto, nunca se envelheceu tanto e tão rápido como agora. Nossas coleções de arte, nossas antologias de poesia e nossas bibliotecas estão cheias de estilos, movimentos, quadros, esculturas, romances e poemas prematuramente envelhecidos (PAZ, 2013, p. 19).

A aceleração do tempo não possui uma materialidade. Sabemos que habita, hábil e sutilmente, as esferas das sensações subjetivas que expressam um tempo que parece correr mais rápido do que nunca. Ou seja, é o ritmo dos acontecimentos que nos dá a sensação de que o tempo voa. E de forma que esvazia quase todas as tentativas de retê-lo. O tempo histórico é acelerado:

Não digo, é claro, que hoje os anos e os dias transcorrem mais depressa, e sim que transcorrem mais coisas neles. Transcorrem mais coisas e todas elas transcorrem ao mesmo tempo, não uma atrás da outra, e sim simultaneamente. Aceleração é fusão: todos os tempos e todos os espaços confluem num aqui e agora (PAZ, 2013, p.19).

Exatamente no contexto apontado surge e busca o seu lugar a palavra poética. A furiosa palavra poética de Luís Serguilha em *plantar rosas na barbárie*. Uma voz poderosa que expressa, entre tantas outras coisas, a poesia de um dilaceramento cuja voz vem de uma interioridade ferida, revoltada, insubmissa. Ou simplesmente: selvagem. Indomável.

A voz de Serguilha se ergue para expressar os devires tão bem colocados por Deleuze (1997). O que seria um devir para o filósofo francês? Uma multiplicidade de elementos que circunscrevem o conceitual. Nessa medida, é quando, realmente, o verdadeiro escritor (lembramos que não bastam intenções literárias) coloca-se no lugar de. Ou seja: o escritor fala por alguém como se estivesse na pele desse alguém. Falar por um cavalo... mas como se fosse um cavalo. Falar por uma borboleta como se fosse ela mesma. Falar por uma pedra como se fosse uma pedra. Sentir as dores do outro. Um eu que se torna um outro que é uma voz universal. Uma espécie de porta-voz.

Devir-escritural

O excriptor é uma energia rugidora da vadiagem obscura que mina ininterruptamente o dizer-respirante, a palavra ouriçada por meio de pororocas de vontades escultoras do tempo com batidas germinais! Ele faz da língua uma correnteza assustadoramente musical, um fluxo de pontilhacões fabulatórios, uma geologia compacta, convulsiva, vibradora de adjacências remotas, uma língua em evasão-sedutora porque quimicamente persegue perseguindo desarrumações placentárias ao expulsar e descerrar uma fala laminar que esvoaça des-incrustada nos crivos apurados da escuridão porque o invisível nada tem a ver com as ciladas da obscuridade, o imperceptível nutre-se das lacunas dos olhares latentes que tentam regressar ao silêncio por meio do devaneio, da loucura, do delírio, da paixão (SERGUILHA, 2017, p. 53).

Depreende-se do fragmento em questão o poeta refletindo, acima de tudo, o papel da e a responsabilidade do escritor. A luta incansável da palavra

em buscar o seu lugar num mundo. O que pode um escritor? O que pode um poeta de verdade? Em que medida, como diria Sartre (2015) a literatura se dirige a liberdades atoladas? A própria liberdade do poeta já não seria uma liberdade atolada? Em que medida, sugerem as palavras de Serguilha, pode a poesia atravessar e mergulhar no tempo? Qual seria essa correnteza que assusta por sua musicalidade? Lembremos de Bachelard: “Quando se escreve, descobrem-se nas palavras sonoridades interiores. Os ditongos soam diversamente sob a pena. Ouvimo-los nos seus sons divorciados” (BACHELARD, 1988, p. 49).

Devir-tempo-memória

O tempo é a vibração do todo que se abre às gagueiras inesperadas, é o desaparecimento do nome do homem! CAPTURAR, sentir as cesuras fulgurantes das geometrias arquimedianas por meio de forças sígnicas-incoactivas, sim, o poema não é a imagem do mundo, mas um cruzamento de mapas vividos e viventes de rupturas incontroláveis, de cisões de inexistências que regressam inesperadamente para potencializarem processos irrepresentáveis, multiplicidades ininteligíveis, diferenças produtoras de uma correnteza de rigores sem absolutismos (SERGUILHA, 2017, p. 81).

Um dos piores equívocos que se pode conceber em relação a um escritor de verdade, à verdadeira literatura, não importa a tipologia textual, é se pensar que um escritor escreve com suas memórias. O tempo-memória de um escritor pouco importa a ele mesmo. Deleuze, em diversos momentos de suas reflexões, adverte, com ferocidade, a respeito do assunto. Escrever de verdade não é apelar para memórias vividas. O vivido não é ‘matéria’ do grande escritor. Somente daqueles que possuem intenções literárias. Literatura é outra coisa como tão bem define Serguilha. A escritura requer que se ultrapasse um eu, sempre louco, para se colocar em evidência. Por quê? Porque a literatura requer a universalidade. A impessoalidade. Casos pessoais narrados, relatados, não são literatura de verdade. Como diz Serguilha... “o poema não é a imagem do mundo”. Pensar que o poema seja imagem do mundo ou representação do mundo é, simplesmente, reduzi-lo. Ou imaginar que a literatura seja um reflexo de causa e efeito de uma determinada época. A palavra poética é, sobretudo, transgressora. Proust, diferentemente do que imagina a maioria, não escreveu sobre suas memórias. A memória involuntária (tão aclamada pelos críticos) não é a síntese de suas memórias passadas. Memória involuntária é a ressignificação de desmemórias.

Devir-recepção

O poema provoca no LEITOR lacunas vazadoras de visões opacas, a subversão de rotas zenitais, o desvio de percursos petrolíferos-medievais,

estetizando o labirinto hidráulico das desescritas, ecos impossíveis dos hospícios que acontecem babelicamente no anonimato de um corpo em fuga sem asseverações, destruindo modelagens com os choques-centrífu-gos-centrípedos integrados abismadamente nos batimentos do espaço estrangeiro, nas áreas bio-cósmicas, nas dobras do indizível feito de enfer-marias rimáveis (SERGUILHA, 2017, p.101).

Muita gente pensa, (para não dizer... a maioria), que poesia é um passatempo ou uma simples válvula de escape que fundamente momentos de evasão. Ou que poesia é mera identificação com nossas projeções subjetivas. Não! Literatura é muito mais do que isso. A palavra poética lida com signos artísticos e somente eles podem violentar o pensamento. Só existe pensamento de verdade a partir de uma espécie de violência, afirma, com propriedade, (em diversos momentos), Deleuze. Não há pensamento sem a força bruta de um signo que se leve a isso. Portanto, se justifica plenamente quando Serguilha adverte que o poema provoca nos leitores “lacunas vazadoras” e “subversão”. A poesia deve subverter os valores estabelecidos e, conseqüentemente, os valores que predominam na cabeça de cada leitor. O poema deve provocar no leitor o abismo. O caos. O fascinante seguido de indignação. O poema deve provocar a incerteza. Como diria Bataille: “Não somos tudo. Aliás, só temos duas certezas neste mundo: esta e a de morrer. Se temos consciência de não ser tudo, como temos consciência de ser mortais, isso não é nada» (BATAILLE, 2016, p. 28).

Inconclusões

A obra *plantar rosas na barbárie* de Luís Serguilha, em seu conjunto, expressa um grande mergulho no exercício do pensamento. Poeta de formação humanística incontestável, dialoga com a filosofia, com as artes e outros segmentos do conhecimento. Com isso, cruzando sua formação a uma sensibilidade extraordinária coloca, para nós leitores, um universo abismal de incertezas, dúvidas, conceitos singulares, que somente a poética em sua extrema originalidade poderia nos possibilitar. Inclusive, os diálogos intertextuais da obra de Serguilha nos obrigam a pensar a tradição poética em relação aos espaços concedidos pela contemporaneidade.

Os devires colocados por Serguilha desestabilizam (muito) os cânones. Levam-nos a repensar paradigmas e conceitos instituídos. Sabe-se que o processo de globalização, entre outras coisas, para o bem e para o mal, trouxe alguns fenômenos, ou seja, um certo desligamento das informações de seus espaços físicos específicos, como adverte Gumbrecht (2015). Nessa medida, entre outros “fenômenos” novos tipos que se pretendem estrelas. Os famosos ‘tudólogos’, ou seja, aqueles que pretensamente entendem de tudo. Vozes ouriçadas vozes dão puras opiniões (sem qualquer fundamentação plausível) a respeito de política, artes, educação e o pior: a respeito

de literatura. E com isso, na maioria das vezes, endossam o lugar-comum. Endossam, por exemplo, literaturas que relatam bisbilhotices de atrizes famosas que se julgam escritoras. Ou atores famosos em seus relatos miseráveis de aventuras amorosas e profissionais, somente para ficarmos com alguns casos. Glorificam os grandes prêmios. Em síntese: colocam em evidência, na mídia, tudo aquilo que atropela, interpela, atrapalha, atrofia, embrutece, entorpece, fossiliza o exercício do pensamento. E tal fenômeno é mundial. Não se trata de casos isolados neste ou naquele país. Cada país possui os seus ‘tudólogos’ midiáticos. Que quando lançam um livro, infelizmente, possuem milhares de leitores que se lambuzam com conteúdos vazios, inexpressivos, destituídos de qualquer qualidade palpável. Palavras ao vento. Palavras no vazio que certamente terão curta duração. No entanto, seus efeitos são terríveis. A poética de Luís Serguilha torna-se um verdadeiro antídoto contra o que expressam os ‘tudólogos’. Em especial: aqueles que se julgam conhecedores de literatura.

Referências

BACHELARD, Gaston. **A poética do devaneio**. Tradução de Antonio de Padua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

BATAILLE, Georges. **A experiência interior**. Tradução de Fernando Scheibe. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.

DELEUZE, Gilles, GUATTARI, Félix. **O que é a Filosofia?**. Tradução de Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz. São Paulo: Editora 34, 1992.

DELEUZE, Gilles. **Crítica e Clínica**. Tradução de Peter Pál Pelbart. São Paulo: Editora 34, 1997.

GUNBRECHT, Hans Ulrich. **Nosso amplo presente: O tempo e a cultura contemporânea**. Tradução de Ana Isabel Soares. São Paulo: UNESP, 2015.

PAZ, Octavio. **Os filhos do barro**. Tradução de Ari Roitman e Paulina Wacht. São Paulo: Cosac Naify, 2013.

_____. **Signos em Rotação**. 3. ed. Rio de Janeiro: Perspectiva, 2015.

SARTRE, Jean-Paul. **Que é a literatura?**. Tradução de Carlos Felipe Moisés. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

SERGUILHA, Luís. **plantar rosas na barbárie**. Gaeiras-Óbidos Portugal: Poética Edições, 2017.

Recebido em setembro/2017.

Aceito em novembro/2017.